



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

21 de Julho de 2007 • Ano LXIV • N.º 1653
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Setúbal

A vida da criança sem família está mais complicada

SE são cada vez mais dolorosas as situações que provocam o estado de abandono em que elas ficam, acrescentaram-se-lhe uma multiplicidade de verificações aos passos que ela depois vai dando.

Desde a decisão legal que a coloca no número das crianças em risco, em abandono ou perigo, até à entidade que a acolhe e lhe dá uma nova esperança para a vida, interpõem-se um número variado de verificações e de controlo sobre o seu estado de vida em cada momento.

Significa isto que a sua necessária autonomia pessoal e a da comunidade que a acolhe, fica fragilizada, senão destruída. O ser humano necessita, para crescer, de sentir-se livre, o que é já por si, fazer a experiência da liberdade.

O controlo e determinismo

sobre o ser humano, especialmente vindo de quem não faz a mesma experiência de vida, ainda que bem-intencionado, não podem trazer bons resultados.

Os resultados que se esperam numa criança que vai crescendo até se tornar adulto, é que vá adquirindo autonomia para que alcance depois a sua independência. Neste percurso, longo e cheio de crises e de provações, mais do que de orientações teóricas desenraizadas, ela precisa de uma pedagogia que se faça companheira de vida.

A vida está cheia de situações para as quais a reflexão teórica distante se mostra totalmente desajustada da realidade.

Hoje, é já comum e habitual, que as Casas que acolhem crianças sem família, sejam periodicamente inspeccionadas

pela estrutura oficial a quem compete legalmente tal função.

Nós, ainda recentemente tivemos uma visita com esta finalidade. A apreciação que nos fizeram foi muito positiva, e isto, pelo menos, deveria ser suficiente para avaliar e certificar a confiança que a sociedade pode ter neste nosso serviço feito generosamente a favor da criança vítima da injustiça humana que a fere e limita.

Toda esta reflexão vem a propósito da situação de um pequeno que nos apresentaram, expulso do seu meio familiar. Dispusemo-nos a ir conhecê-lo ao local onde tinha sido provisoriamente acolhido. Que não! Primeiro, a equipa que o acompanha, é que teria de vir reunir-se connosco em nossa Casa. Mas, afinal, quem é para acolher? O rapaz ou a equipa?!

Já não é o primeiro caso, tal qual este.

A vida da criança sem família está cada vez mais complicada!

Padre Júlio

Para MEMÓRIA

AINDA da fotobiografia há um ano editada pela Alêtheia, *O Padre Américo e a Obra da Rua*, leitura variada e cheia de temas interessantes, mais dois testemunhos plenos de firmeza. Um do Doutor Nuno Grande cuja amizade nos honra e conforta e nos estimula a prosseguir sem hesitação na linha dos valores que balizaram o pensamento e a acção de Pai Américo.

«O significado transcendental da existência humana tem expressão evidente na vida do Padre Américo. De facto, a Obra que construiu e nos legou é a objectivação evidente de um pensamento e de uma inquietação voltados para o amor aos que sofrem, e traduz uma indómita vontade de vencer o infortúnio de vidas vividas com sofrimento e injustiça, particularmente de crianças desamparadas e de idosos doentes.»

Já escrevi e afirmo que a Obra da Rua, que construiu e nos legou, constitui um dos motivos pelos quais me orgulho de ser português.

A força da convicção que o guiava, em todos os momentos do trajecto de uma vida feita para os outros, transmitia-se a quem o ouvia. Sem qualquer objecção, todas as pessoas aderiam às solicitações de uma personalidade vigorosa, desafiante, mas profundamente bondosa e humana.

Conheci o Padre Américo quando eu teria dez anos e ele foi falar da Casa do Gaiato a Vila Real de Trás-os-Montes, onde nasci. Acompanhei meu Avô materno, que se afirmava agnóstico convicto.

Após a apresentação dos objectivos que animavam a Obra da Rua, expostos com firmeza e uma alegria que deixavam perceber a força de uma personalidade de excepção, meu Avô disse-me baixinho: 'Olha, meu netinho, se houver dois padres como este, converto-me ao catolicismo'.

Esta singela história é um testemunho de quanto o Padre Américo era a expressão viva de uma existência para lá da vida. Por isso, penso que foi um santo que se fez Homem.

Continua na página 3

Da seara, do joio e da colheita

AINDA ressoam aos nossos ouvidos as palavras de Jesus, proclamadas na liturgia de ontem, Domingo, Dia do Senhor: «A seara é grande».

O tema da Missão é inesgotável e a ele nos reconduz, continuamente, a liturgia dominical, em cambiantes diversos.

Neste XIV Domingo do Tempo Comum, o cenário vivo do Evangelho, de faina laboral agrícola, imensa e activa, própria destes tempos de colheita, é um contexto que prende mais facilmente a assembleia dos nossos.

A seara, com tudo o que os nossos olhos nela contemplam e nela projectam: a sua vastidão e cor loirejante, o vento que umas vezes a acaricia, outras a fustiga; as espigas vergadas pelo peso do grão maduro... Depois, o sempre candente problema de quem ceifa e recolhe... Até chegar ao partir do pão.

É um tema aliciante pese embora alguma distância cultural desta era cibernética em que vivemos.

Depois, vêm os lobos que alguns só conhecem em filmes ou através dos apelos frequentes das organizações de defesa das espécies em vias de extinção. Lobos que, neste contexto, têm pouco de simpático confrontados com a mansidão dos cordeiros. As serpentes venenosas e os escorpiões são conhecidos de belíssimos documentários televisivos...

Linguagem viva esta, do Evangelho, cujos arquétipos resistem, imortais, na nossa memória colectiva; óptimos que são, para uma catequese oportuna sobre o nosso mundo, pois que é dele que se trata — também ele uma seara imensa por ceifar, de espigas, quantas vezes perdidas ou vergadas de peso e solidão, à beira de caminhos sem fim...

De facto, são tantas e de cores tais as pobreza que nos rodeiam! Em todas as latitudes; do tamanho dos braços da Cruz Redentora de Cristo. Pobreza, traduzida em números tão conhecidos e permanentemente actualizados na estatística que ficámos paralisados de impotência e de horror.

Depois, os «lobos», os grandes grupos económicos sem rosto nem posição geográfica, minando e dominando.

Pior que essas «alcatelas», os «escorpiões», rasteiros e mortíferos: o narcotráfego e a corrupção. Flagelos dos nossos dias, espreitando às esquinas das escolas e dos lares, até ao fim das longas avenidas e mesmo, lá longe, nas pacatas vilas e aldeias: esse pó mortífero e o cheiro a erva envenenada...

A corrupção a altos níveis e de «mãos limpas», o tráfico de seres humanos, crianças, mulheres e trabalhadores, em números bem conhecidos e estonteantes.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Durante o mês de Junho recebemos, dos Amigos, mil duzentos e setenta euros.

Não chegaram às nossas mãos as escritas presenças de todos eles, com o amor de cada um.

No entanto, aqui temos duas cartas expressivas:

Lourdes, de Cacém: «Como de costume, envio os habituais pozinhos para os mais pequenos — 30 euros. Cada vez admiro mais a vossa Obra. Não entendo como pessoas ainda possam dizer mal da vossa grande Obra. Continuo a pedir muita saúde para andarem para a frente com a vossa luta».

E o, ou a, assinante 24801, de Paços de Ferreira: «Fraternas saudações para toda a comunidade... Envio nesta data um cheque, de 25 euros, para a assinatura do Jornal do ano corrente, e 25 euros para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Que Deus ajude sempre essa grande Obra. Existe um grande Anjo da Guarda que vos protege, chama-se Padre Américo. Com um abraço do tamanho do mundo me despeço com muito carinho».

Os Pobres com muita gratidão.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Associação de Antigos Gaiatos de África

Nos nossos encontros procuramos, sempre, memorizar um facto da Obra da Rua; este ano temos dois:

— Uma das últimas inspirações de Pai Américo foi o *Calvário*, para doentes pobres, incuráveis e abandonados.

Faz 50 anos que abriram as portas da bonita inspiração de Pai Américo. O *Calvário* é a prova de que a Obra da Rua não acolhe apenas crianças abandonadas.

Pai Américo sempre olhou os pobres e os doentes com muito carinho. O *Património dos Pobres* é uma verdadeira revolução nas condições habitacionais das populações, na altura um flagelo, é a testemunha que a pobreza e a doença eram o seu tormento.

A situação dos doentes pobres, incuráveis e abandonados preocupavam Pai Américo que não descansou enquanto não decidiu essa dor que o afligia. Começou o *Calvário*, mas não teve tempo de assistir e acarinhar os primeiros doentes. Foi de viagem para o Céu um ano antes.

Foi e continua a ser o Padre Baptista o seguidor desta «bumilde tarefa». Digo *humilde tarefa*, porque Padre Baptista não levanta bandeiras do seu doloroso trabalho. A humildade sempre foi um atributo de Pai Américo e dos seus seguidores, os Padres da Obra da Rua, que apenas pedem saúde para resistirem.

— As «Organizações Não Governamentais» que procuram as Casas do Gaiato, em África, para fazerem o seu



«Com este grupo de trabalho, podia dar a volta ao mundo».

trabalho de apoio à criança e populações, são indicativo e uma garantia de que a Obra da Rua é um exemplo de humildade na defesa dos pobres e sobretudo das crianças abandonadas.

A «Fundación Mozambique Sur», com sede em Madrid, Espanha, é um exemplo que faz da Casa do Gaiato de Moçambique uma Instituição que exalta o gosto pela criança abandonada e populações envolventes à Aldeia. Nas Casas do Gaiato de Angola acontece o mesmo, com outras ONG's.

Se tiveres *Internet* vai ao site www.fundacionmozambiqueur e lê todas as páginas para saboreares um pouco a estima e o carinho que as Casas do Gaiato têm em África, no trabalho realizado de apoio à criança e populações vizinhas.

Perdendo um pouco de tempo vale a pena ler a página «Memórias» (relatório) para vermos o número de pessoas e crianças que economicamente dependem da presença da Casa do Gaiato de Moçambique. O site vem em língua espanhola, mas vale a pena o sacrifício de ler, é fácil compreender.

A TVE, canal de televisão de Espanha, deu uma pequenina notícia sobre a Casa do Gaiato de Moçambique, onde exaltou a figura de Pai Américo. Gostei de ver e ouvir falar da Obra da Rua por terras de Espanha.

O nosso Encontro é nos dias 8 e 9 de Setembro, em Azurara, Vila do Conde. O Quim Vieira deve estar no dia 7, à tarde, para receber os que moram longe e queiram pernoitar.

Esperamos a vossa comparência, Padre Telmo deve estar presente e podes dar-lhe um abraço.

Manuel Fernandes

Paço de Sousa

ESCOLA — Este ano correu bem. Diria mesmo que foi o ano em que os Rapazes alcançaram melhores resultados. Dos 34 estudantes, apenas 3% não transitaram de ano. Penso que por detrás deste sucesso está o «Programa Escolhas» — um projecto de parce-

rias, com 3 anos de duração, que acompanha os Rapazes durante todo o ano, não só nos estudos, mas, também, nas actividades lúdicas.

«PROJECTO ESCOLHAS» — Tal como o nome indica, serve para, quem quiser, escolher um modo de vida diferente. É como uma semente lançada à terra que, a seu tempo, germinará e dará fruto. A semente é a «possibilidade» de um futuro melhor, com o esforço dos rapazes e a orientação dos monitores. Desejo um bom trabalho aos coordenadores do Projecto, principalmente ao sr. Alexandre Silva.

VISITAS — As férias já chegaram e há cada vez mais pessoas, vindas de todo o Portugal, a visitar a nossa Aldeia. Eles dizem que a nossa Casa não é como as outras Instituições. É «porta aberta». A próxima, podes ser tu. Não hesites, vem, serás bem aceite.

Carlos («Vimoso»)

ANTIGOS GAIATOS — Em 15 de Julho realizou-se a festa de Pai Américo. Assim, reuniram-se os actuais gaiatos, os antigos gaiatos e os nossos Amigos.

AGRICULTURA — Começou a apanha da batata, os rapazes ajudam, de manhã. À tarde, vão para outras actividades.

FÉRIAS — No dia 17 de Julho, foi o primeiro turno, que abriu a época banhar da nossa Casa, para umas merecidas férias. Estão na nossa casa de praia, em Azurara, Vila do Conde.

A todos os nossos Leitores e Amigos da Obra da Rua, óptimas férias.

Zé Reis

DESPORTO — Com este grupo de trabalho e com todos aqueles que não foram, eu... podia dar a volta ao mundo.

Fomos jogar com os nossos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal. Saímos logo de manhã, por volta das 08h00. Fizemos toda a viagem debaixo de chuva. Não nos largou! Mas, mesmo assim, graças a Deus, correu tudo bem. Parámos na estação de serviço da Mealhada, não para comer leitão. (isso é que era bom!), mas, sim, a merenda que levávamos e que o nosso Padre

João teve o cuidado de mandar preparar para que nada faltasse, na ida e na volta. Disse ele: «Leva dinheiro para pagares qualquer coisa aos Rapazes» — e eu fiz-lhe a vontade! Para que todos comessem por igual, preparámos, no regresso, umas boas sandes de presunto, etc.

Chegámos à Casa do Gaiato de Setúbal, eram, precisamente, 13h30. Fomos muito bem recebidos por toda aquela gente. Desde o nosso Padre Júlio, sempre impecável, passando pelo Padre Acílio, que deu um prémio ao autor do nosso golo e aos restantes, Senhoras, Rapazes desde os mais velhos até aos «Batatinhas», e que são uns amores. Sobre eles, tinha muita coisa para dizer. Só não compreendo como é que ainda há gente que teima em não querer entender, de uma vez por todas, que nós somos uma Família para aqueles que a não têm!... Adiante.

Almoçámos todos juntos e que bem nos soube! Com os Rapazes todos misturados durante a refeição, como aliás durante todo o fim-de-semana, não era fácil saber onde é que estavam os de Paço de Sousa. Depois, fomos até ao bar, matar o vício do café. Espaço livre até à hora do jogo, que teve o seu início pelas 17h00, hora a que o árbitro deu início ao respectivo, todo ele disputado debaixo de chuva intensa (que campo!), mas onde não faltou o entendimento entre todos, com a vitória a premiar os rapazes da Casa por 2-1. Isto, porque estamos habituados a jogar em campos pelados, ou em relvados, mas... não nos foi possível, de modo nenhum, pôr o nosso futebol em prática.

No final do jogo, os Rapazes de Setúbal fizeram festa no balneário. Nós compreendemos, já que ganhar a Paço de Sousa não é fácil nem está ao alcance de qualquer um. Só mesmo, em estado de intempérie como naquele fim-de-semana. Ainda por cima, com apenas 15 minutos de jogo, «Russo», um dos pilares do eixo da defesa, saiu lesionado. Mesmo assim podíamos ter empatado ou até ganho, mas também não é menos verdade, que eles podiam ter ampliado a vantagem. A arbitragem esteve à altura do jogo, não tendo influência no resultado.

No Domingo, depois da Missa, tempo livre até à hora do almoço, que estava muito bem preparado pela D.

Conceição e pelos Rapazes. Diz o ditado: «Barriga cheia, companhia desfeita». Foi o que nós fizemos. Despedimo-nos de todos e regressámos a Casa, fazendo uma viagem tipo contra-relógio, já que tínhamos que estar em Paço de Sousa a horas do nosso guarda-redes apanhar a camioneta que o levasse a Vila Real, onde ele está a cumprir Serviço Militar. Padre João e o «Merendas», estavam à nossa espera, para levar os do Lar e o Teixeira para seguir viagem. Graças a Deus, um fim-de-semana onde tudo correu às mil maravilhas.

Alberto («Resende»)

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Tendo sido agendado para o dia 1 do corrente o nosso Encontro anual, cumpriu-se o estabelecido, tendo-se registado um número de presenças dentro da normalidade e tudo decorreu satisfatoriamente, toda a gente correspondendo ao pedido inicial, que justificámos na altura.

Registámos a comparência de colegas de várias zonas do País, nomeadamente das Caldas da Rainha, Guarda, Lisboa, Figueira da Foz, Coimbra, Miranda do Corvo e Leiria, entre outras que agora não lembram, não faltando também a habitual visita de Madrid e, pela nossa parte, ficámos muito gratos a todos.

O almoço e a merenda foram bem servidos e recheados, não faltando nada, e até sobrou para a Casa, desde o frango assado ou com arroz, chana-fana, um leitão trazido por um da Curia, arroz doce e vários pudins e bolos diversos. É claro que as bebidas também não faltaram, mas ninguém ficou toldado...

A tarde incluiu um jogo de futebol, agradável, porque contou com alguns elementos de boa técnica e fino recorte, disputado correctamente e sem incidentes, em que o resultado foi elevado, mas escasso na diferença de golos, foi favorável aos da Casa, e tudo acabou em bem com um banho na piscina, apesar do sol ter feito neçaças durante todo o dia.

Seguiu-se a merenda e a retirada foi feita com votos de voltarmos, esperando que todos tenham chegado bem aos seus destinos.

Os nossos Padres João e Manuel Mendes, este agora director da Casa, fizeram-nos companhia e mostraram a sua satisfação pelo convívio a que assistiram e que também nos agradou. Esperamos que no próximo ano seja diferente, mas igualmente agradável, pelo que nos despedimos até lá.

Manuel dos Santos Machado

Setúbal

BATATA — Começou a apanha da batata, para que esta sirva de alimento aos nossos Rapazes. Este ano tem havido batata em grande quantidade, o que vem abastecer a nossa casa-da-

Da seara, do joio e da colheita

Continuação da página 1

Veneno da mesma boca, os laivos de laicismo fundamentalista e irrespirável que graçam por esta Europa fora, de matriz cristã, com consequências desastrosas na concepção dos valores da vida, da família e da sexualidade. «Ide e olhai que vos mando em missão, como cordeiros para o meio de lobos».

A Missão requer a marca da paz e do amor, contraposta à angústia, ao medo ou à visão apocalíptica e catastrófica: «Nenhuma bebida mortífera vos fará mal».

Mas, «simples como as pombas e prudentes como as serpentes». A pro-

messa de Jesus é a da vitória final que, não só consistirá em afugentar toda a espécie diabólica, mas em que, sobretudo, «os vossos nomes estarem inscritos nos céus».

No final de um ano lectivo dizer e reflectir esta Palavra Divina, com os nossos, equivale a torná-los despertados para um mundo difícil que está aí: competitivo, cuja medida são os «grandes». Importa preparar o futuro. A escolaridade é relevante e, mais ainda, feita com seriedade e empenho. É uma «armadura», um bom antídoto, uma atitude exorcizante, um abrir de eternidade.

Padre João

Para MEMÓRIA

Continuação da página 1

Recordar este Homem, num momento de grande perplexidade social, em que os grandes valores da nossa cultura parecem estar em causa, torna-se um acto de recuperação dos ideais de fraternidade que definem a identidade do povo que somos.»

A outra recordação é do punho do próprio Pai Américo em carta escrita em 25 de Junho de 1948 a Armando Vieira Pinto que tinha em mãos a realização do filme «*Não há rapazes maus*».

«*Meu caro Amigo Vieira Pinto, Acabo de ler o seu trabalho de planificação da fita «Não há rapazes maus».*

É muito difícil argumentar com homens de convicção, e o meu amigo, pelo que vejo, está convencido de que toda a fita tem de ter uma

parte de romance e imaginação. Estas partes são nítidas por exemplo, na página 30, página 45, página 48, página 69. Página 70, então, não falamos!

Página 71, mais beijos e reticências. Página 79, outra vez a Luz. Página 90, mais cenas entre Maria e Pau Preto.

Do argumento, que eu vi e aceitei totalmente, não concluí o que havia de vir a ser a planificação.

Ora muito bem. Em dois pequeninos pontos, resolvemos esta grande questão.

1.º O meu amigo entende que a parte romântica é necessária e eu retiro o meu nome e peço-lhe que também o faça. Em vez de Padre Américo, ponha outro nome qualquer. Outro padre qualquer. Ele há tantos.

2.º Não é precisa a parte romântica, e o meu amigo retira a Luz e tudo quanto anda em redor dela; e substitui por rapazes. Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. Pode haver casamentos, sim. Ainda a semana passada se casaram cinco dos nossos. Mas devaneios, não.»

A feitura do filme fez-se de acordo com o critério do realizador. E embora não fosse apagado dele o nome do Padre Américo, a sua projecção nos cinemas decorreu sem intervenção da Obra e sem impacto para ela.

Hoje, face a esta carta, que conheci agora, faz-me pensar o facto de se terem perdido todas as cópias do filme «*Não há rapazes maus*». A que nos fôra prometida nunca chegou. E em tempos recentes já duas vezes fomos procurados pela própria Cinemateca Nacional na expectativa de lhe sermos tábua de salvação para que o filme não seja realmente um perdido.

Que eu saiba, é esta a situação. E tenho pena, até pela interpretação desses dois nomes históricos do Teatro Português que foram Raúl de Carvalho e Maria Lalande. E ainda pela brevíssima aparição no filme do nosso Ernesto Pinto que também há vários anos partiu deste mundo.

E continuamos esperando que um dia aconteça o filme a sério sobre a Obra da Rua que, naquele tempo, Pai Américo terá pensado mais em termos de documentário, mas que guarda riquezas humanas capazes de um bom filme de tese.

Padre Carlos

Uma carta

«(...) Rogo a Deus para que vos ajude numa das maiores Obras de Caridade ligadas à Igreja e que tem os olhos postos no futuro, porque ao educar os jovens, é o futuro que se prepara. E, neste sentido, que vos dê forças para aguentarem o embate dos inimigos da civilização cristã que, a coberto da liberdade, igualdade, etc... pretendem fazer exactamente o contrário. Que os Cristãos não se acobardem, ou tomem uma postura de indiferença, e vos ajudem!»

Assinante 73642

-batata. Depois, pôr-se-á pô sobre ela, para a proteger da borboleta.

FÉRIAS — Os rapazes mais novos da nossa Casa já iniciaram as suas férias na nossa casa da Arrábida, para terem um merecido descanso. A acompanhá-los está a D. Isaura com a ajuda do chefe, o André Machado. Teremos ainda a companhia da tia Gi, mas, por enquanto, temos a ajudar a família Costa, que todos os anos se disponibiliza para estar connosco uns dias.

SPORTING — A Academia do Sporting Clube de Portugal convidou um Rapaz da nossa Casa a estagiar uma semana nas suas instalações. Para esta oportunidade, o nosso Padre Júlio escolheu um, com idade até aos 14 anos, que tivesse boas notas no ano escolar e que aproveitasse todas as oportunidades. Por isso, o escolhido

foi o Cláudio que é, sem dúvida, um excelente jogador. Mas o azar bateu-lhe à porta... ficou com dois dedos do pé partidos quando jogava a bola no nosso pavilhão. Infelizmente, teve que ser substituído por um outro Rapaz, mas oportunidades não lhe faltarão.

PISCINA — No último sábado encheu-se a piscina para que os Rapazes que não pudessem desfrutar das férias na Arrábida fossem, ao menos, «refrescar ideias» na nossa piscina e reflectissem no que andaram a fazer durante o ano lectivo.

A piscina é-nos muito útil para que os nossos Rapazes nadem e se divirtam, no fim do dia. Os Rapazes adoraram a piscina e, mal largam os trabalhos, correm logo para debaixo dos chuveiros, que os lavam antes de entrarem na água da piscina.

Daniilo Rodrigues

DOCTRINA



Eu não era capaz de um tamanho amor!

FOI naquele domingo. Muitos visitantes. Nas escadas da casa principal, estava há muito uma mulher do Povo com uma criança pela mão. Via-se de cima. Eu tinha-a visto. Desci e aproximei-me. Era uma mulher ainda nova, chaile e lenço, conversa sincera e despachada. Conta a história do pequenino, que eu calo aqui por decoro social. Este tem uns oito anos. Tem no rosto a história. Enquanto a mulher fala, vai ele gemendo um baixinho «deixe-me cá ficar». Visitantes passam e quedam a chorar. A vista daquela criança comove. Eu também gemo.

— Não tenho camas, disse.

— Isso ele nunca conheceu, meu senhor. Dorme por lá no chão. Aqui pode ficar na mesma.

A mulher do Povo escutava-me, mas não compreendia. Parecia-lhe que o chão da nossa Aldeia, com o ser chão, seria sempre mais macio do que o de lá de fora. Não atingia a minha responsabilidade de dar uma cama a cada um. A razão dela era muito maior do que todas as minhas razões.

— Por amor dos dez filhos que eu criei, tome conta, Padre.

Ela não era mãe daquele, sim, mas é Mãe. Mãe de dez filhos.

SUBIMOS. Quis mostrar-lhe o nosso livro de registo, para que ela visse com os seus olhos o número dos que cá temos. E como ela não trouxesse documentos, quis saber aonde morava e o que é que fazia, antes de decidir.

— Sou empregada da Câmara.

Nada mais adiantou, ocupada em relatar a vida e a sorte da criança ali presente. Também eu não quis saber qual a sua ocupação na Câmara do Porto. Mas disse-o ela:

— Lavo retretes. Ganho muito pouquinho. Ganho treze mil reis e tirei-os à boca por amor deste inocente.

ERA uma vez um senhor da sociedade, a quem a Graça tocou e fez estremecer. Quis recalçar, mas a voz vinha do Alto! Conta-se que em maré muito difícil pareceu ao tal senhor ter visto, em oração, uma Religiosa-professa de certo convento, cuja visão fixou na memória. Mais tarde professa ele também e vai ao tal convento certificar-se. Pede à Superiora. Quer ver a comunidade. Estavam todas, menos a que ele vira.

— Estão todas? — pergunta.

A Superiora olha em redor:

— Sim, estão todas. Falta uma, mas essa não conta. É a que trata dos porcos.

O visitante insiste. Ele viu, outrora, uma Religiosa posta em oração, ali, naquele mesmo convento. Viu-a em hora cruciante. Foi um quadro interior, onde esteve a alma inteira. Queria certificar-se. Foi-se chamar a Religiosa dos porcos. A tal que não contava. Era ela! Foi ela, a dos porcos, que foi vista a conversar com Deus e com aquele homem.

— **E**U limpo retretes, padre!

A mulher do Povo despede-se. Eu fico em cima, na sacada do escritório. Lá vai ela, em baixo, chaile e lenço, sem dar fé do seu heroísmo: «Tirei o dinheiro à boca!»! Ao sumir-se da minha vista, eu quisera ajoelhar-me e beijar o chão. Eu, o aclamado, o discutido, o tal apóstolo — eu não era capaz de tamanho amor!

P. Américo 5!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Património dos Pobres

ENTRE as freguesias mais beneficiadas pelo Património dos Pobres, em todo o País, as situadas nos Concelhos de Penafiel e Paredes, ocupam o primeiro lugar. Por se encontrarem próximas da Casa do Gaiato, por serem regiões muito marcadas pela pobreza e porque Pai Américo, amando os Pobres acima de tudo, sabia que a Caridade bem ordenada começa pelo próximo; isto é, o que vive mais perto.

Ao longo da vida da Obra da Rua, foram muitas as centenas de famílias, destes Concelhos, beneficiadas pelo Património.

Andar pelos Pobres, é ocasião para nos enchermos dos mais variados e contraditórios sentimentos. A dor, a pena, a impotência, a incapacidade e, até, a revolta interior ao observar tanta gente instalada e a gastar inutilmente o seu tempo e o seu dinheiro; outra, perdida no mar da miséria, sem dar por isso, e sem o auxílio material e humano para sair desse beco onde se meteu, ou as circunstâncias onde mergulhou.

A maravilha do Reino de Deus, pregada por Jesus que traria a felicidade a todos, tão longe dos homens, quando devia estar no meio deles e dentro de cada um!...

A gente reza, grita, escreve, trabalha movidos, também, por sentimentos emergentes das situações humanas que encontramos, iluminados, todos os dias, pela Luz de Deus, a Sua Bondade e o Seu Poder.

Sentimentos de admiração e êxtase pela heroicidade de alguns Pobres, ajudam-nos a perceber a sublimidade da nossa missão e a dar graças a Deus pela chamada que nos fez.

É o caso da Olinda, a qual não desanimou. Bateu à porta, persistente e confiante, até que ela se abriu.

Escreve-me a 20/05/2007:

«Fui aí em 2005 levar duas cartas do meu Pároco a pedir ajuda para a nossa situação e, até agora, não me disse nada sobre o assunto.»

«Como afirmava na carta o nosso Abade, somos pessoas de bem e nunca nos arrumámos de quem precisava de ajuda e o que podíamos fazer pelo próximo, fazíamos; mas, como lhe contava na minha carta, a desgraça também bateu à minha porta e quem passou a precisar de ajuda fomos nós.»

«Na carta que lhe escrevi, pedia que nos ajudasse a restaurar a nossa casa em Bustelo, Penafiel, porque em Rio de Moinhos não tinha as mínimas condições para viver e estava situada no meio de três grandes

pedreiras e não podíamos lá viver com tanto pó e barulho.»

Já estávamos a ficar todos doentes e, como lhe contei na carta, estou à espera de um transplante aos olhos e o meu marido ficou gravemente doente. Graças a Deus já se encontra melhor. Tem recuperado, embora o mal na cabeça não tenha cura e também lhe apareceu um aneurisma no coração, mas, graças a Deus, já está a fazer uma vida quase normal.»

«Senhor Padre Acílio, como o bem que fomos fazendo ao longo da vida, pelo próximo, não caiu em saco roto, nós também tivemos quem nos ajudasse. Um casal amigo de Souselo fez-nos uma surpresa na TVI, no programa 'Você e a TV', onde fizeram um apelo sobre a nossa situação, a 28 de Outubro de 2005 e apareceram ajudas de todos os lados e, então, lá começaram as obras. Não tivemos muita sorte porque a casa não estava tão segura como parecia e, quando se lhe chegou ao telhado, ao tirá-lo, como a casa não tinha alicerces, as paredes caíram quase todas abaixo. Só ficou uma divisão em pé, mas Deus é muito Bom e tocou no coração das pessoas e a casa foi posta, de novo, de pé com segurança.»

Já tem luz, água; já tem pavimentos e também já foi pintada. Enfim, cá estamos a morar. Falta encher as paredes por fora e pôr o telhado. Janelas e portas de fora, também uma firma de Braga já me ofereceu. As paredes por fora, como é mécan duplo, não mete humidade, mas o telhado tem que se meter, porque quando chove pinga cá dentro e os tectos estão a ficar todos negros.»

«Por isso, senhor Padre Acílio, resolvi escrever para contar como está a nossa situação e pedir ao senhor se nos pode ajudar para o telhado.»

Claro que fui lá. Após uma carta destas, a visita impunha-se.

Verifiquei que a carta era toda verdade! No meio da doença, com quatro filhos, este casal não cruzou os braços! E... a casa está como ela diz!...

Fomos a um armazém de materiais de construção cujo dono já lhes tinha dado o preço de todos os objectos para a cobertura completa da moradia.

Comprometi-me a pagar 1950 euros. É o valor das vigas, das ripas, das telhas, dos blocos de cimento e dos telhões.

Anima-nos muito ajudar gente com esta fibra e esta Fé!...

Padre Acílio

PENSAMENTO

Foi pelos discípulos de Emaús que se soube a grata notícia de que o nosso coração arde quando Jesus nos fala. Jesus Ressuscitado. Antes, falara Ele vezes sem conta a estes e a outros discípulos, sem que houvessem compreendido. Agora, precisamente «naquele dia grande», tanto bastou para que o coração deles ardesse! Dito deles, dito de nós.

PAI AMÉRICO

Moçambique

Dia de Pai Américo

ESTAMOS a preparar o aniversário de Pai Américo. Lembrou-me bem. Acompanhava os rapazes do Tojal, na Ericeira. Tinha ido ao mercado do peixe com alguns, que as vendedoras sempre nos presenteavam. O cozinheiro, que era o Hélio Bicudo, apareceu afogueado, a anunciar que da colónia do Governo Civil de Lisboa, próxima da nossa, vieram trazer o recado de que tinha morrido. Era uma segunda-feira de manhã. Apanhei logo a carrinha que passava em Loures, para chegar rápido ao Tojal. Aí preparavam a velha carrinha para ir ao Porto, assistir ao funeral. E fui com os rapazes. Era o Pedro, «o Rádio por alcunha» a conduzir.

Na manhã seguinte, ajudei à Missa a Padre Carlos. Ao «sursum corda» como então se dizia em latim, comovi-me e chorei. Era o coração a falar mais alto que a Fé. Ainda não tinha a certeza, apesar de tanto o desejar, de poder seguir os passos daquele que foi único e tanto marcava a minha caminhada para o Sacerdócio e nos deixava inesperadamente. Deixava, pensava eu, porque daí em diante a sua presença foi tão activa, que se a Obra não fosse uma manifestação tão sensível do amor de Deus aos mais Pobres, teria enfraquecido e sobrado.

Sabe-se que o Processo Canónico da Beatificação está pronto, à espera de um milagre. A sua glorificação, feita pelo Povo anónimo, foi a prova do que escreveu: «o humilde vence sempre». Venceu o combate pela dignificação dos humilhados e caídos perante a indiferença a que estavam relegados. Ergueu a escumalha da rua, como se dizia então, à dignidade de homens de bem. E eles são tantos! Não acreditou que pudesse haver rapazes maus, mas sim atitudes de desprezo, para com eles. Os filhos de pai incógnito! Que veemência de amor no seu acolhimento. Dizia um Juiz que «até aparecer o Padre Américo julgávamos ter um Código de Menores dos mais avançados na Europa. Com ele tudo foi posto em causa». Nasceu-lhe do coração o Património dos Pobres e deu uma habitação digna aos que viviam como animais em cortes e tugúrios. Sonhou o Calvário para os rejeitados dos Hospitais, por incuráveis e em todas as suas obras pôs a Cruz bem alta, como sinal de Redenção para todos os que ali são acolhidos. Como ele a amava e com que recolhimento fazia a Via-Sacra, sublimando a sua cruz que nos deixou em herança.

Olhando o desenrolar da Obra nestes anos: se indesejados nas ex-colónias, não demorou a chamada e com que pujança; vilipendiados na terra que o viu nascer há-de chegar o dia do reconhecimento, quer da Igreja quer do laicismo político, do render-se ao jeito de ser, sem alardes nem folclore, do espírito de servir, a cuidar de feridas sem descanso, até ao desgaste total.

Para celebrar o dia do «Bendito de Meu Pai», que então lhe inundou a alma, os nosso Rapazes têm estado em torneio de futebol com as Aldeias vizinhas. Levam equipamento e bola para oferecer aos que defrontam com galhardia.

Na Massaca os jovens estiveram em retiro. No Domingo a Celebração Eucarística será em conjunto com os de Casa e haverá Baptismos. Todos os dias à noite uma dúzia dos nossos, na idade de 16/18 anos, fazem a sua preparação mais profunda, após anos de catequese, para que possam viver com a consciência mais clara a grandeza do perdão e da filiação divina.

Na segunda feira será aqui, com a presidência do Senhor Bispo. Somos da sua Igreja, a face mais bela do testemunho do Amor, entre o seu Povo.

Padre José Maria

soa está a ser um foco de luz, no meio da noite, em que vivem tantas crianças, que virão a ser os homens e as mulheres do amanhã. Quem me dera entrasses, também, neste projecto com a migalha cheia da tua vida. Ficamos à espera.

Daqui, deste cantinho, vai um

abraço de gratidão para todos e todas que nos acompanham de mãos dadas. Chega ao sul de Portugal, à família do sr. Arquitecto Moreira e Rute; à Cila e ao Quim; aos que, no escondimento, têm suas vidas comprometidas com as nossas.

Padre Manuel António

Benguela

Daqui vai um abraço de gratidão

O filho morreu, depois de longo tempo na sala de reanimação do hospital. Já não foi a tempo e horas. Assim acontece com muitas crianças, a viver em condições desumanas, sem o mínimo de assistência familiar, por falta de recursos. Quem dera as dores desta porção da humanidade encontrassem eco nos corações humanos! Fizemos tudo o que pudemos para salvar a vida desta criança, com o pai a bater constantemente à nossa porta a pedir dinheiro para o sangue, para os medicamentos e tudo o mais. Até para a compra das tábuas da caixa que levou o seu corpo à sepultura! Esta situação é muito frequente. Vejo, diante de mim, um caminho longo a percorrer para encontrar a resposta digna, da parte dos responsáveis pela «coisa pública».

Entretanto, não vamos cruzar os braços. Um passo importante, com reflexos sociais luminosos, foi dado. Mais de meia centena de bebés, dos 0 aos 4 anos, encontraram o seu lugar encantador no Infantário e na creche,

onde foi a primitiva Casa do Gaiato. O edifício acolheu esta herança preciosa, na continuidade da sua missão social, graças à colaboração das Irmãs Albina e Rosalina, geradas no Instituto das Irmãs Cooperadoras de Santa Maria, de Vila da Feira, Portugal. Já vos dei conta desta iniciativa que vive exclusivamente das ofertas que o vosso amor faz.

Deste modo, estamos a cuidar da saúde da raiz da vida destas plantas humanas, para que a doença encontre resistência do organismo, graças aos cuidados básicos e à alimentação mais cuidada, também. Daqui, só resultam benefícios. As crianças do estrato social mais pobre têm prioridade. A subalimentação é um dos inimigos mais perigosos do sucesso escolar. Vamos, pois, lutar com as armas da justiça e do amor. Sim, queremos dar a mão ao mundo novo que geme nas entranhas de muita injustiça social. Só a força do Amor será capaz de fazer uma autêntica revolução. Estamos a experimentar. Vejo, como disse, um

caminho longo a percorrer que só é possível fazer se dermos as mãos. É tão fácil e compensador dar as mãos. É um gesto de comunhão e alegria. Por isso, é um gesto profundamente humano. Sai de ti mesmo, de ti mesma, como o sal para dar sabor tem que sair do saleiro.

Por isso, nos últimos dias, tenho andado a correr, dum lado para o outro, de mãos bem estendidas, à espera doutras mãos. Com um grupo numeroso de rapazes, na hora do seu primeiro emprego, que fazer? Não há tempo para descanso. Estender as mãos, sim, com o coração bem à vista. Desta forma, 12 rapazes começaram, quase ao mesmo tempo, em lugares diferentes, uma nova fase da sua vida, com o ingresso no mundo do trabalho. É um passo decisivo na preparação do salto para a sua autonomia.

Quanta paz e quanta alegria, guardadas ciosamente no coração de cada pessoa, podem e devem ser partilhadas, da forma mais eficaz e segura para o bem comum! Deste modo, cada pes-